Apresentação

Maria Cecília de Souza Minayo
Edinilsa Ramos de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MINAYO, M. C. S., and SOUZA, E. R. Apresentação. In.: MINAYO, M. C. S., and SOUZA, E. R., eds. *Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 13-19. ISBN: 978-65-5708-115-0. <https://doi.org/10.7476/9786557081150.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

APRESENTAÇÃO¹

O título desta obra é instigante. Mesmo sendo uma publicação “sob o olhar da saúde” não poderia deixar de refletir a historicidade e a profunda imbricação sociocultural do fenômeno da violência como a “infrapolítica da contemporaneidade brasileira”. Essa expressão que aparece no subtítulo corresponde a uma síntese que reflete as formas e o sentido do fenômeno da violência bem como ao seu lugar no momento atual da realidade brasileira.

A violência hoje aparece como preocupação de alta relevância em todas as instâncias públicas, em todos os discursos, em propostas políticas e em agendas de ação. Não como uma manifestação de busca de mudanças, como Engels ou Marx pensavam seu sentido, mas como um subproduto da sociedade dita pós-moderna, movida pela financeirização da vida e pelo consumo. Esse tipo de fenômeno que causa tanto horror e que tomou lugar nas nossas salas de visitas expõe o país negativamente perante a tantas nações capazes de apresentar uma sociabilidade muito menos conflituosa. A violência tal como se está configurando no Brasil aparece como aquele bode malcheiroso do qual todos queremos nos livrar. Ela se nutre e se reproduz no cenário de grandes interesses econômicos, de negócios milionários, de propostas de corrupção, de envolvimento dos mais diferentes agentes sociais, gestando-se dentro de instituições acima de qualquer suspeita, à margem ou à sombra da ação política

¹ Apresentamos um especial agradecimento a nosso eficiente técnico em informática Marcelo da Cunha Pereira, que nos ajuda cotidianamente a superar os obstáculos no uso desse poderoso instrumento de trabalho; e aos colegas do setor administrativo do Claves, Cristina Maria Peres do Nascimento e Marcelo Silva da Motta, pelo carinho com que colaboram para o êxito de nosso Centro.

transformadora. Mesmo quando alicia os pobres, sobretudo os jovens urbanos e das periferias, e torna-se para eles um mercado de trabalho, uma forma de ter dinheiro, bens de consumo e poder, esse tipo de violência infrapolítica que nos preocupa não tem interesses de integrá-los socialmente. Transforma-os na ponta-de-lança de negócios escusos, para cuja consecução os métodos usados são profundamente autoritários e reprodutores da exclusão social. O crescimento exorbitante (115%) das taxas de homicídio, correspondendo a mais de 40 mil mortes por ano no Brasil de hoje, constitui um sinal dessa infrapolítica que se exerce concomitantemente às propostas políticas oficiais dos diferentes governos.

Pelo caráter desestabilizador da cidadania e da convivência, a violência em si é uma expressão da exacerbação dos conflitos sociais. Como disse Hannah Arendt, ela está “dramatizando causas”. Portanto, ao apresentarmos as tendências do perfil da mortalidade, a magnitude das lesões e traumas que marcam milhares de pessoas, quando aprofundamos a dinâmica social da produção da violência, entendemos que o desafio da sociedade brasileira é submetê-la e submeter-se à ação política transformadora que se oriente para a construção de uma cidadania vigorosa, persistente e inclusiva.

Ao apresentarmos este livro, além de oferecer uma contribuição ao debate social e da saúde, nós, pesquisadores do Claves (Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde) queremos compartilhar com os leitores a comemoração dos 15 anos de existência desse núcleo de investigação, criado pela Fundação Oswaldo Cruz para introduzir, na agenda da saúde pública, a relevância do tema dos acidentes e violências, problemas responsáveis hoje no Brasil pela segunda causa de mortalidade e sexta de internações hospitalares. Rememorando o sentido da história institucional, é importante assinalar que o Claves nasceu impulsionado pela demanda social e pela responsabilidade institucional da Fiocruz, que sempre marcou sua presença na pauta de temas emergentes e relevantes para as necessidades de saúde do país.

Por causa da especificidade e complexidade do objeto com o qual trabalha, o Claves já nasceu dentro de uma visão (como um grupo) interdisciplinar, interdepartamental, e hoje já é interunidades, pois conjuga em suas ações pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública e do Instituto Fernandes Figueira. O intuito, desde sua origem, é que possa juntar também, entre seus pesquisadores, pessoas de instituições acadêmicas do país e da América Latina. Essa meta ainda não se tornou viável por causa de dificuldades de operacionalização institucional, pois a menor unidade por meio da qual a Fiocruz se organiza são os departa-

mentos. Neste caso, o Claves foge à norma organizacional tradicional, pois rompe os limites dos departamentos (mesmo estando neles), une unidades internas e se interliga também com instâncias externas.

No decorrer dos anos, como grupo de trabalho desse Centro, fomos nos aproximando dos temas sociais que articulam o fenômeno da violência à saúde e, igualmente, passamos a interagir, devolvendo aos cientistas sociais e aos profissionais da segurança pública os indicadores de magnitude, impacto e de significância que o setor criou para tratar da questão.

Preferencialmente, os trabalhos por nós elaborados fundamentam-se em pesquisas empíricas, pois entendemos que a violência não é uma abstração: ela se manifesta e toma as formas das realidades concretas onde se leva a vida, seja no nível interpessoal ou institucional, seja no ambiente micro ou macropolítico-social. As abordagens dos diferentes contextos são, na maioria das vezes, interdisciplinares. Pela necessidade epistemológica da integração entre informações de extensividade e intensividade, criamos estratégias de triangulação teórica, de métodos e de técnicas, algumas das quais já são hoje de domínio público.

Nesta caminhada, tornamo-nos parceiros de várias instituições. Dentre elas, destacamos a importante colaboração do CNPq que, desde a origem do Claves, permanentemente e sem interrupção, vem apoiando o grupo, sobretudo, com bolsas e “auxílios” que ressurgiram ultimamente em forma extremamente competitiva, nos editais universais. Este livro, por exemplo, e a pesquisa sobre Tendências da Produção Científica, texto que constitui a coluna vertebral de toda a obra, contaram com o apoio do CNPq. Também a Faperj, desde o início da criação do Claves, embora de forma intermitente, tem reconhecido a importância de nosso trabalho, concedendo-nos bolsas para estudantes e algum tipo de financiamento.

Em segundo lugar, ressaltamos nossa parceria com o Cenepi que, embora mais recente, desde 1999, reconhecendo a contribuição do Claves, atribuiu-lhe o título de Centro Colaborador. Isso significa que, numa espécie de contrato de gestão, produzimos, analisamos e divulgamos informações sobre morbimortalidade por causas externas, estudos sobre violências e acidentes em grupos específicos, análises geo-referenciadas e de custos, de interesse para o público em geral e para os pesquisadores do país. Igualmente, em articulação com o Ministério da Saúde, oferecemos assessorias a várias instâncias do SUS.

Além desses parceiros mais diretos, temos trabalhado com o Ministério da Justiça, com várias secretarias estaduais e municipais de saúde, de educação, de desenvolvimento social e de segurança pública em diversas regiões do país. Estamos articulados também com várias ONGs,

Sociedades Científicas como a Abrasco e a Sociedade Brasileira de Pediatria, Institutos como o Souza Cruz e grupos de investigação como o Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública e o Núcleo de Estudos da Violência, ambos da USP.

A Fundação Ford, a Unesco, a Unicef, a Opas, a OMS e a UNDCP são algumas das instituições internacionais com as quais temos compartilhado busca de conhecimento e formas de subsidiar os poderes públicos em formulação de políticas e programas de atuação. Portanto, gostaríamos de retribuir com sinceros agradecimentos a todas as pessoas e organizações cujo apoio tem sido fundamental para o crescimento do Claves.

No conjunto de nossas atividades, desde a origem do Centro, a pesquisa ocupa um lugar central. Porém, desenvolvemos uma prática teórica que não se esgota em investigações e publicações científicas. Nossos trabalhos configuram uma concomitância de interesses: investigações básicas, estratégicas e operacionais; assessorias à formulação e participação na implementação de políticas, programas e projetos do setor da saúde e das áreas sociais; avaliação de programas de intervenção; e particularmente, envolvimento na formação de recursos humanos em todos os níveis: de pós-graduação *stricto sensu*, *latò sensu*, de iniciação científica e de treinamento em serviço.

Por que consideramos importante e por que queremos compartilhar com os leitores essa extensa caminhada que ao mesmo tempo olha para o amanhã? Primeiro, porque há dez anos, logo depois de haver sido criado o Claves, fizemos um levantamento da produção científica e constatamos o estágio muito rudimentar das pesquisas sobre o assunto. Em 1990, ainda era duvidosa a legitimidade do tema Violência e Acidentes no setor da saúde, uma vez que esse campo, dominado pela ideologia médica, tratava-o apenas na intercessão com a doença mental ou com a problemática dos traumas e das lesões que exigiam internações, tratamentos e reabilitação. Foi a partir desse estado da arte que iniciamos nossas pesquisas.

Hoje, o tema já faz parte da pauta de diferentes grupos de investigação, e o Ministério da Saúde oficializou-o, legitimando-o no setor, por meio de uma portaria ministerial denominada Política Nacional de Redução de Acidentes e Violências. Entendemos, pois, ser importante rever a travessia e perceber os investimentos, os movimentos de mudanças e relevâncias e, sobretudo, delinear os desafios para a continuidade. Apesar de todo o esforço realizado, com certeza, não fomos capazes ou não tivemos condições objetivas de abarcar, na análise, tudo o que foi publicado no âmbito nacional e referenciá-lo aqui. Essa constatação não nos impede a certeza de estarmos apresentando um estudo inédito e sem prece-

dentes no país sobre violências e acidentes. Em primeira mão, a tarefa já realizada traz uma novidade comparativa: a produção brasileira da última década é ainda muito pequena. Em sua extensão, é menor do que a internacional em apenas um ano, o que denota o estágio inicial de aprofundamento do assunto.

O livro que ora apresentamos de certa forma reflete esse percurso. Ele traz a marca do que foi construído e, a partir daí, delineia as propostas para o futuro. Seus objetivos são muito claros: apresentar um panorama atualizado do estado do conhecimento sobre o impacto das violências e acidentes sobre a saúde; analisar as tendências da produção científica e sua adequação às demandas sociais e do setor; observar em que medida esse conhecimento gerado está repercutindo e direcionando políticas, programas e ações de prevenção e promoção; e, por fim, perceber as lacunas de conhecimentos básicos e estratégicos necessários para dar suporte à reflexão e à ação setorial.

Do ponto de vista metodológico, cabe assinalar que, embora tenha havido um acordo prévio para a realização deste livro, deixamos aos autores ampla liberdade de organização do texto e do método de sua elaboração. Assim, o leitor perceberá a multiplicidade de estilos, o que permite não cansar com o tom monocórdio e repetitivo de capítulos externamente desenhados.

Na sua organização, o livro comporta duas seções. Na primeira parte, fazemos uma abordagem de contextualização e de mapeamento quantitativo e qualitativo de tendências. Inicialmente, buscamos conceituar o tema da violência nos aspectos filosóficos, teóricos, sociais e culturais, abrangendo sua historicidade e contemporaneidade. Isso foi necessário, pois entendemos que a violência, em si, faz parte das grandes questões sociais, sendo o setor da saúde um tambor de ressonância das resultantes desse fenômeno. Como lembra a Opas em um de seus documentos, o setor da saúde é uma encruzilhada para onde convergem todas as lesões e traumas físicos, emocionais e espirituais produzidos na sociedade.

Na segunda parte, buscamos oferecer ao leitor uma idéia de como se comportam as informações agregadas sobre mortalidade e morbidade por violências e acidentes nos últimos vinte anos, assim como a produção intelectual gerada no país sobre o assunto nos últimos dez anos. Nos textos de epidemiologia que oferecem séries históricas, o leitor poderá observar, dentre muitos outros, dois pontos que sobressaem. Um diz respeito ao fato de que as taxas de mortalidade e de morbidade oscilam num patamar mais ou menos constante com leve crescimento em alguns anos das últimas décadas, embora a percepção do senso comum seja de

que haja um aumento constante do fenômeno. Poderá constatar também que existe um movimento interno entre as subcausas, umas subindo e outras diminuindo em importância, como é o caso, por exemplo, do crescimento significativo das taxas de homicídio, de uma leve tendência de aumento das taxas de suicídio em alguns segmentos etários e de uma expectativa de queda das taxas de acidentes de trânsito, no cenário em pauta. Outro ponto a ser ressaltado é o avanço significativo, quantitativa e qualitativamente, das pesquisas sobre violência e acidentes, embora ainda insignificante se considerarmos o âmbito internacional.

A segunda parte reúne ainda estudos sobre grupos específicos e temas transversais. Nos textos referentes às diferentes formas de violências – violências contra crianças e adolescentes, violências contra a mulher, violências contra idosos, e violências e acidentes no trabalho –, os autores elaboram sua visão crítica sobre a bibliografia brasileira coletada da década de 90, alguns comparam-na à literatura internacional e aprofundam aspectos que correspondem a suas próprias pesquisas e experiências de assessoria. Há também alguns temas que foram analisados pela frequência ou importância de sua presença. São os que tratam das relações entre drogas e violências e entre mídia e violência. Estes últimos focalizam, nas reflexões de seus autores, aspectos que recebem um tratamento desmistificador, para, em seguida, servirem de eixos fundamentais de articulação entre o setor da saúde e a especificidade histórica do mundo contemporâneo.

Embora no artigo a “Produção Científica da Década de 90” haja um subtítulo dedicado à problemática dos serviços e da prevenção, esse tema foi tratado transversalmente por todos os autores. Como o leitor poderá observar, uma das tendências mais importantes e significativas apontadas pelo estudo é a paulatina aproximação entre as pesquisas e os problemas evidenciados pela epidemiologia das causas externas. Observa-se uma orientação clara da produção, em direção a uma visão estratégica do papel do setor da saúde diante do fenômeno da violência social e dos acidentes.

Esperamos que este trabalho possa, realmente, ser recebido como uma contribuição que a Fiocruz, por intermédio do Claves, oferece à sociedade brasileira. Frisamos nossos agradecimentos ao CNPq, ao Cenepi e à Faperj o apoio dado na publicação deste livro.

Gostaríamos de brindar, alegremente, com os leitores, pelo tempo percorrido e pela chama que mantivemos acesa, em prol de uma cidadania cada vez mais abrangente de todos os grupos sociais do país. A tendência que desejamos ver crescer é, antes de tudo, a da inclusão social e da superação das imensas desigualdades, pois desigualdade e exclusão configuram a base de todas as violências: a violência estrutural naturalizada pela

cultura. Mas também torcemos pelo diálogo que valoriza o outro e pelas práticas de negociação. E, por fim, compartilhamos o sonho de que a intolerância, a agressividade e as várias formas de violência interpessoal sejam substituídas pelo exercício da palavra que esclarece os conflitos e pela argumentação que nos torna a todos mais humanos e mais elevados na escala da civilização.

As Organizadoras